



**ROBERT THOROGOOD**

Elogios à

## ROBERT THOROGOOD

“Tudo o que os fãs de bons romances policiais poderiam desejar... desfrutaremos dos mistérios de Robert Thorogood por muitos anos.”

— *Daily Mail*

“Belamente elaborado; um sucesso quase criminoso.”

— *My Weekly*

“Uma leitura prazerosa. Um livro engraçado, divertido e com uma belíssima escrita.”

— **B. A. Paris**

“Uma ótima leitura.”

— *Yours*

“Emocionante e genuíno, envolvente e maravilhosamente bem-humorado.”

— **Chris Whitaker**

“O livro de suspense perfeito para se aconchegar e ler.”

— *Heat*

“É como ler Agatha Christie, mas com um quê moderno.”

— *The Sun*

“Um verdadeiro mistério repleto de pistas, suspeitos e personagens cativantes.”

— **Faith Martin**

“Um mistério extremamente divertido.”

— **Martin Edwards**



**ROBERT THOROGOOD**

**TORÇILHAS**

# A Rainha dos Venenos

Copyright © 2025 TORDESILHAS

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editora Ltda, empresa do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2024 ROBERT THOROGOOD.

ISBN: 978-65-5568-283-0.

*Translated from original Death Comes to Marlow. Copyright © 2024 by Robert Thorogood. ISBN 9780008567330. Published by agreement with Johnson & Alcock Ltd. Brazilian Portuguese language edition published by Alaúde, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.*

*Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

T516a  
1.ed. Thorogood, Robert  
A rainha dos venenos / Robert Thorogood ;  
tradução Andresa Vidal. – 1.ed. – Rio de Janeiro :  
Alta Books, 2025.  
304 p. ; 15,7 x 23 cm. – (The marlow murder club ; 3)  
Título original: The queen of poisons.  
ISBN 978-65-5568-283-0  
1. Ficção policial e de mistério (Literatura  
inglesa). I. Vidal, Andresa. II. Título. III. Série.  
04-2025/187 CDD 823.0872

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Ficção policial e de mistério : Literatura inglesa  
823.0872

**Aline Craziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129**

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutüs

**Coordenadora Editorial:** Mariana Portugal

**Produtora Editorial:** Viviane Corrêa

**Tradução:** Andresa Vidal

**Copidesque:** Ellen Andrade

**Revisão:** Evelyn Diniz

**Diagramação:** Diego Santos

  
**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)  
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419  
[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)  
**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

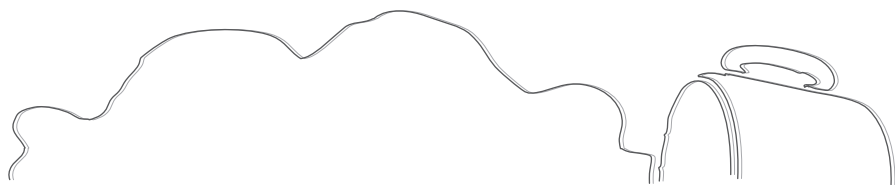
Editora  
afiliada à:  
 **alobr** ASSOCIADO  **CBL**  
Associação Brasileira de  
Editores Independentes  
Associação Brasileira de  
Editores de Livros

Amostra

*Para Penny Thomas*

Amostra





# Capítulo 1

**S**uzie Harris estava em uma missão.

Ela não tinha certeza se conseguiria levá-la até o fim. Na verdade, sabia que a chance de fracasso era alta, mas ela daria o seu melhor. Tentaria assistir a uma reunião de planejamento do conselho municipal de Marlow.

Suzie odiava reuniões, e a ideia de uma reunião de planejamento parecia impossivelmente ainda mais chata, mas ela havia recentemente bolado um ardil para ganhar muito dinheiro, e imaginou que precisaria de aliados no comitê de planejamento. Então decidiu comparecer a um de seus encontros para descobrir quem eram as personalidades-chave, como tomavam suas decisões e — o mais importante — se algum deles poderia ser coagido a ver com bons olhos qualquer solicitação que ela enviasse no futuro.

A reunião estava sendo realizada na prefeitura, uma bela casa georgiana com vista para o rio Tâmsa junto ao parque Higginson. A entrada era uma porta preta muito bem polida, nada diferente das demais que ficavam na rua Downing, e embora a maior parte do prédio de dois andares fosse reservada para escritórios, também continha uma antiga câmara de debates que ainda era usada para reuniões formais. Ao entrar, qualquer visitante se via em uma galeria de observação para espectadores com alguns degraus que levavam a uma grande sala com meia dúzia de mesas, arquivos ao longo das paredes e uma escotilha que se abria para uma pequena copa. Na parede oposta, o brasão da cidade, um cisne capturado em

correntes, foi esculpido em um escudo de madeira que parecia observar os procedimentos. Assim como a própria cidade de Marlow, a câmara de debates conseguia ser grandiosa e compacta ao mesmo tempo.

Nesta ocasião, uma tela e um projetor haviam sido instalados sob o brasão para que o comitê pudesse inspecionar melhor os pedidos de planejamento enquanto trabalhava nos tópicos do dia. Suzie, tendo chegado cedo, estava sentada na pequena galeria com um caderno e uma caneta prontos para escrever esboços dos membros do conselho, detalhando seus pontos fortes e — mais importante — quaisquer fraquezas potenciais que ela pudesse explorar.

A primeira pessoa a chegar foi um homem na casa dos cinquenta anos que usava um terno risca de giz, camisa azul e uma gravata de seda azul-celeste com bolinhas cor-de-rosa. Ele tinha ombros largos, andava com bastante arrogância e seu sorriso era tão natural e sem esforço que Suzie sentiu seu coração dar um pulinho.

— Você veio para a reunião de planejamento? — perguntou ele.

— Isso mesmo — disse Suzie, antes de se lembrar de que ela não era, de fato, uma colegial que achava os homens atraentes apenas porque eles tinham uma mandíbula delineada. Enquanto passava por ela e descia as escadas para a câmara abaixo, ele levantou os cotovelos para mostrar o quão em forma estava, antes de caminhar até uma mesa onde havia uma pilha de papéis já esperando.

— Está aqui por causa de alguma solicitação em particular? — questionou ele.

Foi somente naquele momento que Suzie percebeu que não havia pensando em uma história para justificar sua presença.

— Sim — respondeu ela, apenas para ganhar tempo.

— Qual delas?

— Perdão?

— Se tem interesse em algum caso em particular, é importante que ouçamos o que você tem a dizer. Você está relacionada a qual deles?



— Ah, você sabe — começou Suzie, improvisando desesperadamente —, aquela... na... na estrada principal. A casa grande, quero dizer, não é tão grande no momento, mas os proprietários querem que seja... você sabe, maior.

Mesmo a sempre otimista Suzie pôde ver que sua explicação desajeitada havia confundido o homem, mas antes que ele pudesse fazer qualquer pergunta, a porta se abriu e uma mulher entrou. Ela tinha cerca de sessenta anos e, enquanto o homem parecia irradiar boa vontade, essa recém-chegada, pensou Suzie, parecia sugar a alegria do lugar conforme olhava ao redor. Suas maneiras lembraram Suzie de todos os muitos professores secos e enfadonhos que ficaram desapontados com ela na escola.

— “Mas, olhai!” — chamou o homem da câmara abaixo. — “Que luz se escoia por aquela janela?”

— Não seja ridículo — retrucou a mulher, franzindo o nariz enquanto passava por Suzie. — Desculpe, você se importa? — perguntou.

— De jeito nenhum — disse Suzie, já decidindo que não gostava da mulher. Ela lhe deu a impressão de ser o tipo de pessoa que se preocupa muito com o preço das coisas, mas não dá valor ao que elas realmente significam. Para ela, qualquer preço sempre seria “alto demais”.

— Boa noite, Marcus — disse a mulher, sentando-se à mesa. — Você tem algum conflito de interesses a declarar desta vez?

— Isso é com o presidente — disse Marcus com uma piscadela enquanto se dirigia à escotilha lateral da sala.

Suzie podia ver que havia um homem na copa, trazendo xícaras e pires para o balcão da escotilha. Ele estava usando luvas de polietileno azuis enquanto arrumava uma caixa de madeira com saquinhos de chá, e ela se pegou pensando que era realmente a saúde e segurança levadas ao extremo, com a equipe de bufê tendo que usar luvas para servir chá.

— Uma xícara de chá, Debbie? — perguntou Marcus à mulher, pegando uma xícara e um pires e indo até um samovar de metal

que estava no balcão da escotilha, ao lado de uma máquina de café Nespresso com um dispenser de cápsulas ao lado.

— Não, obrigada — respondeu Debbie.

— Fique à vontade.

Marcus retornou para a mesa com sua xícara.

A porta principal se abriu novamente e um homem entrou, embora tenha parado quando viu Suzie bloqueando seu caminho.

— Bem, olá — cumprimentou ele com uma voz nasal que conseguia ser divertida, paternalista e superior, tudo ao mesmo tempo. Olhando para ele, Suzie viu que ele tinha cabelo ralo que penteava sobre a cabeça careca e um rosto longo e pálido que a fez pensar em um sabonete que estava chegando ao fim de sua vida útil. O homem tinha mais ou menos a mesma quantidade de carisma também, ela pensou.

— Você quer passar? — perguntou ela.

— Se ainda não ficou claro — respondeu o homem, acreditando ser muito espirituoso, e então empurrou Suzie e desceu os degraus para a câmara principal. — Salve, camarada, prazer em encontrá-lo — disse como forma de saudação a Marcus. — Debbie — acrescentou, e Suzie mais uma vez notou o tom superior na voz do homem.

— Chá, Jeremy? — perguntou Marcus.

— Não, obrigado — disse Jeremy enquanto se sentava à mesa. — Só se e quando o conselho nos fornecer os biscoitos que prometeram na última reunião do comitê principal. Na ausência deles, não vou tomar nenhuma bebida com cafeína — acrescentou, e então pegou uma cópia das notas informativas.

— Ora, se não é Suzie Harris! — anunciou uma voz melodiosa vinda da porta, conforme Geoffrey Lushington, o prefeito de Marlow, entrava na sala. Ele tinha cerca de setenta anos, era baixinho e rechonchudo, com uma espessa cabeleira branca e desgrenhada que rodeava uma calvície perfeitamente circular no topo da cabeça. Suzie sempre achou que ele se parecia um pouco com um gnomo. Um gnomo alegre, com um senso de humor travesso. Todos na cidade gostavam dele.

Depois da primeira vez que Suzie e suas amigas Judith e Becks ajudaram a polícia a solucionar uma série de assassinatos na cidade, Geoffrey insistiu em dar um coquetel em homenagem às mulheres. Ele falara na época que todo sucesso local deveria ser celebrado, e ninguém tinha sido mais bem-sucedido do que Suzie, Judith e Becks. Suzie gostou dele no mesmo instante.

— Então, qual é o seu interesse no comitê de planejamento esta noite? — perguntou ele enquanto passava por Suzie e descia as escadas.

— Ah, nada de mais, Geoffrey — respondeu Suzie, percebendo que precisava modificar sua história da carochinha desde o desastre com Marcus.

— É mesmo? — quis saber Geoffrey, indo até a janela da copa, deslizando a próxima cápsula de café para fora do dispenser e colocando-a na máquina Nespresso. Enquanto ele fazia isso, o homem na cozinha se afastou da escotilha, abriu uma pequena porta corta-fogo no fundo da cozinha e saiu por ela, deixando a porta se fechar atrás dele com um baque.

— Apenas exercendo meu direito democrático de testemunhar o comitê em ação — disse Suzie a Geoffrey, jogando o que ela esperava ser uma carta na manga.

— Exatamente, exatamente — concordou Geoffrey, enquanto a máquina despejava café em uma xícara que ele havia colocado sob o bico. — Embora você nunca tenha comparecido a uma reunião do conselho antes.

— Até agora.

— Justo — disse ele, levando seu café para a mesa.

— Na verdade — disse Debbie, levantando-se —, acho que vou tomar um café, afinal.

Enquanto ela ia até a máquina Nespresso, Marcus ofereceu um pote de vidro com cubos de açúcar para Geoffrey.

— Açúcar? — perguntou ele.

— Obrigado — agradeceu Geoffrey enquanto pegava um cubo. Ele o jogou no café, mexeu e disse a Suzie: — Embora eu não possa

deixar de notar que da última vez que passei por sua casa, você já havia terminado a obra.

Era verdade. Depois de ter sido abandonada por um pedreiro picareta alguns anos antes, Suzie finalmente conseguiu terminar a ampliação de sua casa inscrevendo-se em um reality-show. Como parte do programa, a emissora de TV concluiu a obra que havia sido deixada inacabada, mas também tentou confrontar o profissional original que havia desaparecido. No caso de Suzie, tudo o que eles conseguiram descobrir foi que ele havia fechado a empresa e se aposentado na Espanha. Quando o episódio finalmente foi ao ar, Suzie ficou um pouco desapontada por ele não ter causado mais impacto, mas talvez tivesse superestimado o quanto o público em geral se importava com programas de televisão diurnos sobre reformas de casas.

No entanto, toda a experiência teve um epílogo feliz. Foi por causa das conversas que ela teve com o arquiteto do programa de TV que ela estava atualmente participando da reunião de planejamento. Não que ela fosse contar esse fato a alguém do comitê.

— Você não está errado — disse Suzie a Geoffrey. — A obra está terminada.

— Não teve um programa de TV ou algo assim?

Suzie tentou não se ofender com a falta de interesse de Geoffrey por sua carreira na televisão.

— Enfim — continuou Geoffrey, virando-se para encarar os outros membros do comitê —, alguém sabe onde a Sophia está?

— Ela não me avisou que se atrasaria — disse Debbie.

Geoffrey olhou para o relógio na parede. Eram sete e trinta e poucos minutos.

— Bem, tenho certeza de que ela aparecerá em breve. Que tal começarmos?

— Questão de ordem — disse Jeremy, levantando a mão.

— Você não vai fazer isso de novo — falou Debbie.

— Não podemos começar a reunião sem a Sophia. Não temos quórum.

— Então você não pode levantar uma questão de ordem — disse Marcus enquanto mexia seu chá.

— O quê?

— Se não temos quórum, a reunião não foi convocada, então não pode haver nenhuma questão de ordem ainda.

Marcus bateu com a colher de chá na lateral da xícara e a colocou no pires com um sorriso.

— Não, bom ponto — concordou Jeremy, tentando manter as aparências. — Bom ponto.

— Então que tal convocarmos a reunião — começou Geoffrey —, analisarmos as solicitações o mais rápido possível e eu pago a primeira rodada no George and Dragon.

— Só quando Sophia chegar — disse Jeremy.

— Tenho certeza de que podemos ter quórum, desde que mais de cinquenta por cento de nós estejamos presentes — disse Marcus.

— Não é isso que as regras dizem. Debbie, você é a secretária, está anotando isso?

Debbie pareceu acordar de um devaneio.

— O quê?

— Eu perguntei se você está anotando isso.

— Claro que não — respondeu ela. — A reunião não começou.

— Então eu declaro a reunião aberta — disse Geoffrey. — Item 1, a proposta de adição de janelas de mansarda ao primeiro andar da estrada Henley, número 13.

Debbie abriu um caderno e pegou sua caneta, pronta para começar a tomar notas.

— Esta reunião não é legal — reclamou Jeremy.

— Claro que é — disse Marcus.

— Jeremy, você não se lembra do que aconteceu da última vez? — questionou Geoffrey.

— E aí está! — exclamou Jeremy. — Sempre me tratando com condescendência.

— Não estou — negou Geoffrey.

— Ele realmente não está — acrescentou Debbie.

— E aí está você, tomando partido!

— Não estou — garantiu Debbie, irritada. — Presidente, por favor, você pode falar com Jeremy?

— Ele não é o presidente! — disse Jeremy.

— Acho que você vai descobrir que ele é, sim — falou Marcus, divertindo-se tremendamente com a confusão.

— Ele não é.

— Não, sério, ele é.

— Ele não é — insistiu Jeremy, batendo o punho na mesa com força. — A autoridade só é investida na cadeira quando a reunião é convocada, e *não temos* quórum! — acrescentou com uma fúria que assustou a todos na sala, incluindo ele mesmo.

Ninguém queria quebrar o silêncio que se seguiu.

— Desculpe — pediu Jeremy, por fim. — Tenho estado sob um pouco de pressão. Não sei de onde veio isso — acrescentou, esperando que pudesse consertar as cercas que acabara de quebrar.

— Sinto muito por estar atrasada — anunciou uma voz ofegante da porta.

Suzie olhou e viu uma mulher alta na casa dos cinquenta anos parada à porta. Ela tinha bochechas rosadas, cabelo loiro liso até os ombros e delineador escuro que acentuava seus olhos dramaticamente. A mulher irradiava saúde e, talvez ainda mais, riqueza. Seus brincos de prata de argola, vestido de verão de corte requintado e sapatos marrons brilhantes fizeram Suzie puxar a camisa azul esportiva que estava vestindo sob o casaco que usava para passear com os cachorros.

— Olá — falou a mulher para Suzie com o interesse de alguém inspecionando um animal exótico em um zoológico.

Suzie percebeu que não sabia o que dizer a alguém tão radiante, e a mulher passou por ela deixando as notas adocicadas do que Suzie imaginou ser um perfume muito caro.

— Desculpe o atraso — disse a mulher aos outros enquanto descia as escadas para a câmara abaixo.

— *Agora* temos quórum — disse Jeremy em uma voz que sugeria que ele finalmente se sentia vingado.

— Ah — começou Sophia —, houve algum problema processual na minha ausência?

— Nada que não fôssemos capazes de lidar — respondeu Marcus. — Agora, podemos começar a reunião?

— Como vai, Sophia? — perguntou Geoffrey.

Suzie não tinha certeza, mas pareceu que o sorriso de Sophia vacilou antes que ela respondesse.

— Estou bem, obrigada, Geoffrey — disse Sophia, sentando-se à mesa.

— Uma xícara de chá?

— Não, obrigada.

— Ou café?

— Acho que devemos apenas terminar logo esta reunião, não é? — sugeriu Sophia com um sorriso, mas mais uma vez Suzie captou o que pensou ser uma vibração estranha. Em seu caderno, ela escreveu “Tensão entre Sophia e Geoffrey?”

Enquanto a reunião começava, Suzie se acomodou em sua cadeira. Esta era sua chance de descobrir quem ela deveria abordar sobre seu próprio pedido de planejamento.

Sophia, ela imaginou, era muito elegante e egocêntrica para ser alguém que pudesse influenciar. Na experiência de Suzie, pessoas como Sophia não prestavam muita atenção em pessoas como Suzie.

Marcus parecia, talvez, uma opção melhor. Ela certamente gostaria de conhecê-lo, sabia. Mas, novamente, havia um ar patricio nele que colocava Suzie ligeiramente em guarda. Ele estava talvez bem-vestido demais, satisfeito consigo mesmo demais — pavão demais. E ela tinha certeza de que teria sido muito mais capaz de influenciá-lo se fosse um homem em vez de uma mulher. Ou mais jovem e mais bonita.